

## COMPARAÇÃO EM PORTUGUÊS, FRANCÊS E ESPANHOL (\*)

Ao fazermos o levantamento e descrição de formas e construções, ao identificarmos os conteúdos dessas formas, temos consciência de que não estamos a determinar a tipologia (de algumas) das línguas românicas, mas tão somente a determinar, quer as estruturas, quer os seus possíveis conteúdos. Isto é, estamos a situar-nos apenas no domínio da linguística descritiva e, tanto quanto possível, no domínio da linguística confrontativa.

Por outro lado, teremos de nos haver com aquilo que designamos por “norma” — no sentido coseriano —, e iremos tentar atingir o sistema. Mesmo se conseguirmos atingir o sistema, faltar-nos-á, para atingirmos o “tipo linguístico”, o patamar das funções relacionais (!). Não nos colocamos perante o problema de saber “que espécies” de distinções se fazem nas línguas românicas ou quantas distinções opositivas realmente ocorrem no domínio da comparação. Podemos, no entanto e desde logo, estar seguros de que a comparação — a chamada tradicionalmente comparação quantitativa ou intensiva —, nas línguas românicas, é feita com base em partículas. O que equivale a dizer que as línguas românicas dispõem de uma gama de construções não divergentes das formas gerais de construção do comparativo (?).

Se os processos gerais constitutivos da comparação são os sintagmáticos — **magis altus** —, em detrimento dos paradigmáticos — **altior** —, temos ainda restos dos processos paradigmáticos (**ele é melhor do que aquilo que eu julgava**), processos que, por sua vez, podem ainda ser neutralizados (**ele é mais bom que mau**). Além disso, tendo em consideração que uma língua histórica é um conglomerado de técnicas do falar, encontramos naturalmente restos dessas técnicas (**ele não é mais ca mim**, em vez de **ele não é mais (do) que eu**). Por outro lado, veremos que não se poderá falar, em muitas das construções, de oposições funcionais ou processos correspondentes, pois em muitos casos não passaremos a barreira do plano das realizações socialmente aceites e usadas.

As línguas românicas, considerando o sistema como a unidade superior, relativamente às diferentes realizações no plano da norma, e o tipo como a unitarização das diferentes funções e processos de expressão existentes no nível do sistema da língua, pertencerão seguramente ao

---

(\*) Agradeço à Dra. Graciete Vilela as sugestões ao longo da elaboração do artigo, à Dra. Paniagua o apoio na confrontação dos exemplos para o espanhol, aos meus alunos de Análise Contrastiva (Português-Francês) 1991/92, a ajuda nas reflexões sobre este tema.

mesmo tipo, onde apenas o chamado “ne” expletivo pode trazer alguma perturbação. Situamo-nos, nas línguas românicas, no mesmo tipo de funções relacionais (actuais e externas); analíticas, sintagmáticas e perifrásticas relativamente à comparação, ou de funções não relacionais (internas ou paradigmáticas) se incluirmos o superlativo, aumentativo ou diminutivo. E mesmo aqui há que distinguir, por exemplo, as formas em — **issimus** e — **errimus**, que foram reintroduzidas nas línguas românicas apenas com a função elativa (**um homem altíssimo: altissimus homo**), mas não para a função de superlativo (**altissimus hominum: o mais alto dos homens**) (3).

Finalmente, devemos integrar a comparação na graduação em geral. Por comparação, situando-nos num plano genérico, podemos entender uma relação de equivalência (igualdade), de analogia ou não equivalência (desigualdade) entre dois ou mais objectos, entre propriedades de coisas ou estados de coisas, quando confrontados entre si.

Nesta ordem de ideias, temos um sema superordenado, parafraseável por:

- (1) (a) “x (não) equivale a y”, ou por
- (b) “x (não) é semelhante a y”

E teríamos relações recobertas por nomes como “igualdade”, “analogia”, “desigualdade”, “aproximação”, etc. Desde logo se verifica uma dupla vertente: a da igualdade e a da desigualdade.

A graduação ou expressão do comparativo pode ser feita com base nos graus do adjectivo, na formação de palavras (adjectivos denominais, estabelecendo-se o confronto entre o elemento afixal ou determinante e o conteúdo do nome), categorias nocionais (como verbos, adjectivos ou substantivos) ou construções frásicas denominadas “orações comparativas”. Assim adjectivos como **análogo**, **semelhante**, **diferente**, etc., ou nomes como **oposição**, **contrário**, **diferença**, **correspondência**, ou verbos como **corresponder**, **diferir**, **divergir**, **exceder**, etc., ou derivações como **custoso**, **inconfundível**, **incomportável**, etc., ou mesmo os chamados diminutivos e aumentativos servem para estabelecer a graduação comparativa. Assim, vejamos exemplos como:

- (2) (a) Ele **excede-te em** tudo
- (b) Ele **ultrapassa-te em** inteligência

ou ainda, e usando processos paradigmáticos (não-relacionais):

- (3) (a) Isto deu-se no todo **ciminho** da serra
- (b) Ele é um **sujeitinho** sem dignidade
- (c) — Só mais um **favorzinho**, senhor Dr.!
- (d) — Faça-me só um **jeitinho**!

- (e) Isto dava-me um **jeitão** dos diabos!
- (f) Ela é uma **feiona teimosona** do caraças!

Além disso, há comparação em casos como:

- (4) (a) Ela está tão **alta** como a mãe
- (b) Ela é como uma flor
- (c) És **duro** que nem uma pedra

em que ocorre um adjectivo (**alto** e **duro**), ou o adjectivo pode não ocorrer em virtude de a “propriedade” base da comparação ficar implícita [(4) (b)]. Por outro lado, o superlativo chamado analítico mais não é do que uma comparação entre dois e mais do que dois:

- (5) (a) Ela é mais inteligente que tu
- (b) Ela é a mais inteligente da turma

Na comparação há ainda a chamada construção proporcional, do género (al.) “**je** + adj....+ **desto** + adj.”, (fr.) “**plus** + frase..., **plus**, + frase”, (ptg.) “**quanto mais** + frase..., **tanto mais** + frase”, etc.

Vamos fixar-nos na comparação feita com base em partículas (“**mais/menos... (do) que**”, “**tão/tanto... como/quanto**” ou equivalentes em espanhol e francês).

## 1. Comparação assimilativa e comparação quantitativa/intensiva

1.1. As gramáticas tradicionais portuguesas falam de “comparação assimilativa” e “comparação quantitativa/intensiva”, sendo a primeira a que é feita com base nas subordinadas comparativas, a segunda, aquela com a qual se estabelece a graduação propriamente dita <sup>(4)</sup>. Nesta segunda forma de graduação, temos de distinguir dois tópicos: a semelhança (comparativo de igualdade) e a diferença (comparativo de desigualdade). O processo normal é o que designamos por determinação relacional, feito com base nas partículas **more... than**, **maior... quam**, **mais... (do) que**, **tantum... quantum**, **tanto/tão... quanto/como**, etc. Há ainda a considerar outros elementos, como, por exemplo, o chamado “ne” expletivo, o número de entidades comparadas (a comparação faz-se entre duas entidades, duas classes, dois eventos, ou o confronto é feito entre duas qualidades ou propriedades de uma mesma entidade <sup>(5)</sup>), etc...

O “ne” expletivo leva-nos à possível existência de um limiar “negativo” na escala da comparação, em confronto com o cume positivo:

- (6) Jean est plus stupide que Marie **ne** peut l’être

e este facto é confirmado por determinadas realizações, embora noutra perspetivação, mas trabalhando com o mesmo esquema, como em:

(7) O João é estúpido que **nem** um cavalo

ou ainda pela presença habitual, no período arcaico da língua portuguesa por marcas de "negativas": "Era frequentemente negativa, no antigo português, a oração encabeçada por essas conjunções [**ca, que**]:

[(8) (a)] Eu amo mays meu senhor que nom a ty (Fab. 52)

[(b)] Melhor o fezo ca non disse (C. V., 239) "(I. de Lima Coutinho 1967: 243)"

Quanto ao número de entidades comparadas, temos a possibilidade de comparar duas entidades ou categorias relativamente a uma propriedade, qualidade ou evento, a chamada comparação total, ou comparar uma entidade relativamente a duas qualidades realizadas por dois lexemas diferentes, a chamada comparação parcial<sup>(8)</sup>. Na comparação parcial, os atributos comparados não estão na mesma escala:

(9) A mesa é mais redonda (do) que oval

Por outro lado, as categorias gramaticais que podem estar envolvidas na comparação, quer comparação total, quer comparação parcial, são os nomes, adjetivos, advérbios, grupos preposicionais, verbos, cláusulas plenas. Deve, no entanto, observar-se que há várias restrições: por exemplo, nem todos os adjetivos, nem todos os verbos são graduáveis, como comprovam vários estudos feitos nesse domínio<sup>(7)</sup>.

Perante estes parâmetros, distinguimos, de acordo com as realizações do segundo membro da comparação, as comparações frásicas plenas, em que se envolve um enunciado completo (sem qualquer elipse) e comparações frásicas reduzidas, aquelas em que se omite o verbo na segunda cláusula, embora seja recuperável, e, por outro lado, as comparações não frásicas, em que, na sequência encabeçada pela partícula, não há qualquer cláusula, nem plena, nem reduzida: isto é, o elemento que aí ocorre não é redutível a qualquer cláusula. Costuma chamar-se a esta última forma de comparação cláusula "oblíqua". Exemplificamos com;

(8) (a) He is younger than I(am): cláusula frásica reduzida

(b) He is younger than me: cláusula oblíqua

ou:

(9) (a) Ele é mais novo do que eu (sou)

(b) Ele é mais novo ca mim (ptg. arcaico e regional actual)

## 1.2 Português e espanhol

Partindo do pressuposto de que há maior proximidade entre o português e espanhol, vamos acompanhar as duas línguas a par-e-passo. O espanhol tem como marca de comparativo, para as realizações frásicas plena ou reduzida, a partícula **que**, e para a construção de cláusula relativizada **de lo que**, em que "lo" é o complemento da partícula comparativa "de". A cláusula que se segue é uma frase relativa, tendo como núcleo "lo". Para o português há uma reinterpretação de **do que** como sendo equivalente à partícula **que**, em qualquer das construções possíveis e previstas, o que não é verdadeiro, como veremos. Há, tanto em português como em espanhol, uma alternativa entre a preposição "de" e a partícula "que", no comparativo de desigualdade (mais/menos), quando a segunda parte da comparação contiver um número ou se referir a quantidades:

- (10) (a) Tengo más que/de mil escudos  
(b) Tenho mais que/de mil escudos

Há ainda um domínio em que "de" tem a exclusividade, sendo mesmo um resto do português arcaico, relativamente ao uso da partícula "de", e o mesmo é válido para o espanhol:

- (11) (a) Ele é maior de 18 anos  
(b) Ela é maior de idade (ª)

### 1.2.1 Comparação total

Como referimos, designa-se por "comparação total", a comparação em que se confrontam duas entidades, dois processos, relativamente a uma dada propriedade. Neste caso, podemos ter o comparativo de igualdade e o comparativo de desigualdade. O comparativo de desigualdade comporta, em espanhol e em português, dois tipos de construção:

a) construção frásica reduzida:

- (12) (a) Un gato es mas feroz que un perro (ªª)  
(b) Um gato é mais feroz (do) que um cão

b) construção de cláusula relativizada:

- (13) (a) Un perro es más feroz de lo que parece ser un gato  
(b) Um cão é mais feroz do que o que parece ser um gato  
(c) Um cão é mais feroz que o que parece ser um gato

A sequência em espanhol "de lo que" deve ser interpretada como "prep. + pron. + que [relativo] + frase". Isto é, "lo" é o núcleo da relativa. Dá-se o mesmo em português: mas há alguma indefinição, dada a

reinterpretação de “do que” como partícula generalizada do comparativo de desigualdade (9).

O comparativo de igualdade em espanhol e em português admite três tipos de construção:

a) construção frásica reduzida:

(14) (a) la chica es tan inteligente como su amiga

(b) A moça é tão inteligente como a amiga

b) construção frásica plena:

(15) (a) La chica es tan inteligente como su amiga parece ser

(b) A moça é tão inteligente como parece ser a amiga

Há aqui pormenores, na posição das palavras, que mostram existir certas preferências não coincidentes no português e no espanhol.

c) construção de cláusula relativizada

(16) (a) La chica es tan inteligente como lo que creen sus padres

(b) A moça é tão inteligente como aquilo/o que seus pais supõem

(c) A moça é tão inteligente como o que crêem os seus pais

### 1.2.2. Expressão da comparação parcial

Como já explicámos, a “comparação parcial” é aquela em que se faz o confronto comparativo, não entre duas entidades ou processos, mas entre duas propriedades de uma só entidade, envolvendo portanto categorias gramaticais lexicalmente distintas. Em qualquer das línguas, as possibilidades de variantes para a comparação parcial são amplas, envolvendo as várias categorias gramaticais. Vamos limitar-nos à categoria adjectivo.

O comparativo de desigualdade prevê três construções possíveis:

a) construção frásica reduzida:

(17) (a) La mesa es más larga que ancha

(b) A mesa é mais comprida (do) que larga

b) construção frásica plena, em que a segunda categoria comparada ocorre inicialmente na segunda cláusula, a comumente chamada posição de tópico:

(18) (a) La mesa es más larga que ancha es la puerta

(b) A mesa é mais comprida do que larga é a porta

(a') ??La mesa es más larga que la puerta es ancha

(b') A mesa é mais comprida do que a porta é larga

c) construção relativizada:

(19) (a) La mesa es más larga de lo que la puerta es ancha

(b) ?? A mesa é mais comprida do que a porta é larga

Como vemos, "de" não funciona como preposição, mas como partícula de comparação. A aceitabilidade destas realizações não são totalmente coincidentes nas duas línguas.

O comparativo de igualdade apresenta quatro tipos de construções:

a) construção frásica reduzida:

- (20) (a) La chica es tan guapa como lista  
(b) A moça é tão bonita como inteligente

b) construção frásica topicalizada:

- (21) (a) La chica es tan guapa como listo es su hermano  
(b) A moça é tão bonita como inteligente é o seu irmão

"Como" funciona como "foco" — no sentido que lhe é dado normalmente pelos linguistas, e o termo imediatamente a seguir ocupa a posição topicalizada. Por outro lado, a construção equativa admite tanto as construções frásicas topicalizadas como as não topicalizadas:

- (22) (a) La mesa es tan larga como ancha es la puerta  
(b) La mesa es tan larga como la puerta es ancha

c) construção frásica plena (com a ordem assertiva na 2ª cláusula):

- (23) (a) La chica es tan guapa como su hermano es listo  
(b) A moça é tão bonita como o seu irmão é inteligente

d) construção de cláusula relativizada:

- (24) (a) La chica es tan guapa como lo que su hermano es listo  
(b) ?? A moça é tão bonita como o que seu irmão é inteligente  
[(b') A moça tem tanto de bonita como o que seu irmão tem de inteligente

Como acabamos de verificar, as marcas da comparatividade são em espanhol: **que** e **como**, em português, **(do) que** e **como**. Por outro lado, o "que", que ocorre nos comparativos de desigualdade, é apenas homonímico do subordinador "standard" "que": pois em espanhol pode ocorrer seguido de pronome (**que lo que**, alternando com **de lo que**), ou seguido de infinitivo. Considerados os diferentes condicionamentos morfossintáticos, acontece o mesmo com o português. Tanto em português como em espanhol o "que" subordinador tem de ser seguido por um verbo flexionado. Será "como", marca da comparação equativa, o mesmo que o subordinador standard "como"? As preferências não são, como sublinhámos, totalmente idênticas, quanto à posição dos elementos.

O "no"/"não" expletivo surge, tanto em português como em espanhol, de modo muito marginal, e a acontecer apenas ocorre em algumas das

construções (comparativas de superioridade, para o espanhol) e na construção não comparativa, análoga tanto à comparação de igualdade com um valor superlativo como ao comparativo de superioridade:

- (25) (a) Un perro es más feroz que un gato  
(a') Un perro es más feroz que no un gato  
(b) Um cão é mais feroz do que um gato  
(b') \*Um cão é mais feroz que não um gato]  
(b'') Este cão é feroz que nem um gato

Não há qualquer paralelo com o “ne” expletivo do francês: aqui há aceitabilidade generalizada, por parte dos falantes, maior abrangência quanto ao número de construções previstas, pelo menos, na norma. É possível ocorrerem situações em que se fica na dúvida de se saber se estamos perante “ne” expletivo ou se se trata de outros condicionamentos morfossintáticos:

- (26) (a) Diga más a menudo que nos engañamos que no: que temos razon  
(b) Diga mais amiúde que nos enganamos do que não: que temos razão (10)

## 2. Português e francês

Vamos seguir o mesmo esquema na confrontação: comparação total e comparação parcial e respectivas realizações.

### 2.1. Comparação total

Os comparativos de desigualdade admitem, em francês, as seguintes construções:

a) construção frásica reduzida:

- (27) (a) Pierre possède moins de voitures que son père  
(b) O Pedro tem mais carros do que (o) seu pai

b) construção frásica plena:

- (28) (a) Le père est plus riche que le fils ne l'était  
(b) Pierre possède moins de voitures que n'en possède son frère

O “ne” expletivo parece ser um elemento disponível e obrigatório em todos os exemplos de construções frásicas plenas:

- (29) (a) ?? Il est plus riche qu'il était  
(b) Il est plus riche qu'il ne l'était

Estas construções não têm qualquer paralelo em português e espanhol.

c) construções não frásicas:

— construção oblíqua:

- (30) (a) Son père est plus riche que lui
- (b)\* Son père est plus riche qu'il
- (c) Son père est plus riche que Jean

— construção relativizada:

- (31) (a) Il vend plus que ce qu'il vendait
- (b) Vende más de lo que vendia
- (c)\* Ele vende mais do que o que vendia

Como o português e o espanhol, também o francês admite, em contextos bem definidos, a alternância **plus/moins de/que**:

- (32) (a) J'ai plus de cent francs...
- (b) J'ai plus que cent francs...

O comparativo de igualdade admite as seguintes construções em francês:

a) construção frásica reduzida:

- (33) (a) La jeune fille est aussi contente qu'auparavant
- (b) A mocinha está tão contente como antes
- (c) On trouve autant de problèmes économiques en France qu'au Portugal
- (d) Há tantos problemas económicos em França como em Portugal

Como sabemos, **aussi**, é substituído por **si**, e **autant** por **tant**, depois de uma cláusula matriz negativa ou interrogativa:

- (34) (a) Un président n'est pas si puissant qu'un roi
- (b) Les femmes ne travaillent pas tant que les hommes

b) construção frásica plena:

- (35) (a) Le jeune fille est aussi contente que l'était le petit garçon
- (b) A mocinha está tão contente como estava o rapazinho
- (36) (a) Les femmes travaillent autant que travaillent les hommes
- (37) (a) On trouve autant de problèmes économiques en France qu'on en trouve au Portugal
- (b) Há tantos problemas económicos em França como há em Portugal

Embora se dê como certo que o “ne” expletivo não ocorre no comparativo equativo, há provas de que também se admite nos comparativos de igualdade:

- (38) (a) Les femmes travaillent autant que ne travaillent les hommes  
(b) Un président est aussi puissant que ne l'est un roi

c) construção de cláusula oblíqua:

- (39) (a) La jeune fille est aussi contente que lui  
(b) A mocinha está tão contente como ele (=suj.)

Aqui, o português e o francês divergem, se tivermos em conta relativamente ao português, apenas a norma padrão.

d) construção de cláusula relativizada:

- (40) (a) La jeune fille est aussi contente que ce que le petit garçon voulait  
(b) ? A mocinha está tão contente como o que o rapazinho quer(er)ia

Em português, as realizações deste tipo encontram certa resistência.

## 2.2. Comparação parcial

Os comparativos de desigualdade apresentam dois tipos de construção:

a) construção frásica reduzida:

- (41) (a) Le travail est plus détaillé que difficile  
(b) O trabalho é mais pormenorizado (do) que difícil  
(c) Il possède moins de chevaux que de chiens

b) construção frásica plena (com ordem assertiva na 2ª cláusula):

- (42) (a) Le travail est plus difficile que le contrat n'est détaillé  
(b) O trabalho é mais difícil (do) que pormenorizado é o contrato  
(c) La table est plus longue que la porte n'est large

c) construção frásica topicalizada:

- (43) (a) Le travail est plus difficile que détaillé est le contrat  
(b) O trabalho é mais difícil do que pormenorizado é o contrato

Há muitas restrições nesta construção, dado que o ordem das palavras é fixa, sobretudo em francês.

d) construção frásica relativizada:

- (44) Le travail est plus difficile que ce que le contrat: est détaillé

O comparativo de igualdade tem as seguintes possibilidades:

a) construção frásica reduzida:

- (44) (a) La vie est aussi dure que transitoire  
(b) A vida é tão dura como transitória

b) construção frásica plena com ordem assertiva na 2ª cláusula:

- (45) (a) La vie est aussi transitoire que la mort est permanente  
(b) A vida é tão transitória como a morte é permanente

Também aqui o “ne” expletivo é possível, mas apenas possível:

- (46) Il boit autant de vin qu’il ne buvait de bière

c) construção de cláusula relativizada:

- (47) (a) La vie est aussi transitoire que ce que la mort est permanente  
(b) A vida é tão transitória como o que a morte tem de permanente

Relativamente ao “ne” expletivo na comparação parece ter um papel maior do que o que desempenha o “ne” expletivo nos outros domínios da língua francesa: nos demais domínios há uma tendência para o desaparecimento de “ne”, na comparação não se verifica a mesma tendência, pelo menos, com o mesmo peso. Poder-se-á considerar o “ne” o portador da polaridade negativa na comparação? Também em francês o marcador da comparação “que” é homonímico do “que” standard.

### 3. Conclusão

Como acabámos de ver, poder-se-á dizer que, nas três línguas,

- os marcadores gerais de comparação de desigualdades são:
  - [er (ingl.)] **mais, más, plus**
  - a charneira da comparação de desigualdades é:
    - [than (ingl.)] **(do) que** (ptg.), **que** (fr., e esp.)
  - os marcadores do comparativo de igualdade são:
    - **tão, tan, aussi**
    - as charneiras do comparativo de igualdade são:
      - [as (ingl.)] **como** (ptg. e esp.), **que** (fr.)

Por outro lado, há várias perguntas à espera de resposta, tais como:

- qual o lugar do “ne” expletivo na comparação? Será o “ne” expletivo o marcador propriamente dito do comparativo de desigualdade do francês?

- qual a posição marcante na comparação? Será a posição imediatamente a seguir à partícula ('<sup>o</sup>)?

As três línguas têm processos marginais de estabelecer a comparação: por exemplo, em francês, temos ainda **davantage**, ao lado de **plus**:

- (48) (a) Il est riche, mais je le suis davantage  
(b) Ele é rico, mas eu sou mais

Ou outros processos, como:

- (49) (a) Antes quero morrer que ir para guerras injustas  
(b) Prefiro morrer a ir para guerras injustas

Lembramos ainda as variantes,

- meilleur: plus bon/melhor: mais bom
- pire: plus mauvais/pior: mais mau/mal
- moindre: plus petit/menor: mais pequeno
- mieux: plus bien
- pis: plus mal

O português, quanto à comparação total, admite, como vimos, as diferentes construções possíveis, mas com preferências. Assim, há a possibilidade de construção frásica reduzida e construção frásica plena, mas com preferência pela primeira. Aliás, a construção frásica plena comporta um valor estilístico marcado. Por outro lado, não é mesmo permitida a realização com frase plena quando o segundo termo de comparação é preenchido pelo pronome pessoal tónico (sujeito). Parece-nos que, regionalmente, é possível a construção dita oblíqua.

Na comparação total, a chamada construção frásica relativizada, embora podendo ter como objecto da comparação, o verbo, o adjectivo ou o advérbio, como se vê por:

- (50) (a) Ele confecciona mais sapatos do que vende  
(b) Ele corre mais do que todos supunham  
(c) Ele é mais inteligente do (que aquilo) que parece  
(d) ? Ele mais inteligente do que todos imaginam  
(e) Ele é mais inteligente do que aquilo que todos imaginam

implica contudo uma reinterpretação, por força da quase generalização de **do que**. Mais precisamente, há na construção **mais/menos... do que** — construção que por vezes parece dever ser obrigatoriamente desdobrada em **mais/menos... do que aquilo que** —, equivalência com a construção frásica do espanhol **más/menos... de lo que**, e, em parte como a do francês **que ce que**. Isto é, nos casos em que a construção exige **do que** (e não

apenas **que**) (**de + o + que + verbo flexionado**) devemos interpretar a sequência com **de + o + que** (pronome relativo) + verbo flexionado, como aliás acontece com qualquer oração relativa. Mas em espanhol o pronome núcleo da cláusula relativa é variável, e em português é invariável.

- (51) (a) Ele confecciona mais sapatos do que vende  
(b) Ele confecciona mais sapatos do que aqueles que vende  
(c) Ele confecciona mais sapatos do que os que vende  
(d)\* Ele confecciona mais sapatos que vende <sup>(11)</sup>

Como vimos, a explicação das gramáticas tradicionais portuguesas acerca da generalização de **do que** a todos os contextos <sup>(12)</sup>, representam a interpretação “do que” como simples partícula, semelhante (e mesmo preferível) a **que**. Isto é, considerado que **do que** é a única forma possível para as construções frásicas não reduzidas, e, dada a invariabilidade morfológica da expressão, não admira que o seu uso respingasse para as construções frásicas reduzidas, fazendo com que **do que** se tornasse a partícula comparativa analítica universal nos comparativos de desigualdade. Nada espantará mesmo que **do que** se generalize de modo a anular completamente **que**.

Na comparação parcial, parece-me que, em termos gerais, há coincidência com o espanhol. Deve, no entanto, assinalar-se que, no jogo das chamadas formas sintéticas e analíticas — **melhor vs. mais bom e mais bem, maior vs. mais grande, pior vs. mais mau e mais mal** <sup>(12)</sup>, **menor vs. mais pequeno** —, as formas ditas analíticas são as usadas “se compararmos duas qualidades de um mesmo nome”, ou poderemos ainda dizer, se usarmos na comparação dois lexemas adjectivais distintos:

- (53) (a) Ele é mais grande do que pequeno  
(b) Ele foi mau e precipitado, mas mais mau do que precipitado

No grau equativo — ou comparativo de igualdade — temos a presença de duas partículas como marca da comparação: **como** e **quanto**. Poder-se-á dizer que no português do Brasil se prefere **quanto** em vez de **como** — a avaliar pela colocação desta forma em primeiro lugar e fora de parêntesis em quase todas as gramáticas citadas — e como no português de Portugal e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (= PALOPs). Ou terá **quanto** um matiz nitidamente culto? Ou ainda, será **quanto**, a forma exclusivamente para a cláusula frásica plena? Pelo uso quotidiano do português de Portugal não posso dar resposta a estas perguntas.

O comparativo equativo em português obedece ao esquema normal dos comparativos, quanto à natureza das construções. Admite a construção frásica reduzida e a construção frásica plena, embora estas construções

não tenham as mesmas possibilidades estruturais que as do comparativo de desigualdade: é que o comparativo de igualdade não possui a construção frásica relativizada. Eis alguns exemplos:

a) construção frásica reduzida:

(i) comparação total:

- (53) (a) Conheço tanto o marido como a esposa  
(b) Ela não aprecia tanto o dinheiro como eu  
(c) Ele sofre tanto como tu  
(d) Ela é tão inteligente como o irmão

(ii) comparação parcial:

- (54) Ela bebe tanta água como cerveja

Estas construções devem ser tidas como construções frásicas reduzidas e não como construções oblíquas (como se vê pelo uso de “eu” e não “mim”).

b) construção frásica plena:

- (55) (a) Não é tão fácil como (quanto) parece  
(b) O João é tão aplicado quanto Maria é preguiçosa  
(c) Trabalha tanto quanto pode  
(d) Ele não é tão esperto como (quanto) todos imaginam  
(e) Ela odeia-me tanto quanto eu te amo <sup>(13)</sup>

As três línguas, embora obedecendo a esquemas comuns, apresentam especificidades, quer na escolha das estruturas possíveis, quer nas restrições a determinadas construções.

Mário Vilela  
Universidade do Porto

#### BIBLIOGRAFIA:

ANDERSEN, P. K. 1983: *Word Order Typology and Comparative Constructions*, Amsterdam, Benjamins.

BECHARA, Evanildo 1988: *Lições de Português pela Análise Sintáctica*, R. J. Padrão.

CHAVES DE MELO, G. 1980: *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, 3ª ed., RJ: Ao Livro Técnico S/A.

COSERIU, Eugen 1978: **Los Universales Lingüísticos (y los Otros)**, México, Universidad Nacional Autónoma de México.

COSERIU, Eugen 1983: "Sprachtypologie und Typologie von sprachlichen Verfahren", in: Manfred FAUST (ed.) — **Allgemeine Sprachwissenschaft, Sprachtypologie und Textlinguistik**, Festschr. für Peter Hartmann, Tübingen, G. Narr, pp. 269-279.

COUTINHO, Isamael de Lima 1967: **Gramática Histórica**, 6ª ed., RJ. Livr. Acadêmica.

CUNHA, Celso e CINTRA, L. de Lindley 1984: **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, 2ª ed., Lisboa, Sá da Costa.

DE MELO, G. 1977: "Que and de as translation of than", in: *Hispania* 60: 510-511.

GAMA KURY, A. da 1985: **Novas Lições de Análise Sintáctica**, SP, Ática.

HELLAN, L. 1981: **Towards an Integrated Analysis of Comparatives**, Tübingen, Günther Narr.

INEICHEN, Gustav 1991: **Allgemeine Sprachtypologie, Ansätze und Methoden**, Darmstadt, WB, Bd. 118.

MARTINS DE BARROS, E. 1985: **Nova Gramática da Língua Portuguesa**, SP, Edit. Atlas.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. 1985: **História e Estrutura da Língua Portuguesa**, 4ª ed., RJ, Padrão.

MAURER, Th. Henrique 1967: **A origem da locução conjuntiva 'do que' introdutora do segundo termo de comparação em português**, RJ. HSSN.

MIRA MATEUS, M. H. et Al. 1989: **Gramática da Língua Portuguesa**, 2ª ed., Lisboa, Caminho.

MULLER, C. 1983: "Les comparatives du français et la négation", in: *Linguisticae Investigationes*, 7 (2): 271-316.

NUNES, J. Joaquim 1960: **Compêndio de Gramática Histórica (Fonética e Morfologia)**, 6ª ed., Lisboa, Livr. Clássica Editora.

PRICE, Susan 1990: **Comparative constructions in Spanish and French syntax**, London, Routledge.

TORRINHA, Francisco 1935: **Gramática Portuguesa**, 3ª ed., Porto, Maranus.

## NOTAS

(1) Cfr. Eugen Coseriu 1983: 269.

(2) Cfr. Andersen 1983: 118.

(3) Cfr. E. Coseriu 1983.

(4) Evanildo BECHARA (1988: 129-132) diz nomeadamente que a comparação pode ser "assimilativa" quando se "assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou facto a outra mais impressionante, ou mais conhecida" (p. 129), sendo a oração subordinada introduzida por **como** ou **qual**, em correlação com **assim** ou **tal**, a inserir na oração principal". A comparação pode ainda ser "quantitativa" quando se compara, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou factos. Como vemos, dá-se não só a indicação dos tipos de comparação como ainda quais as categorias gramaticais que podem ser objecto de comparação. Cfr. ainda Gladstone Chaves de Melo 1980: 72-74, E. Martins de Barros 1985: 184-194 e Adriano da Gama Kury 1985: 91-111. Insere-se também nesta tradição Maria Helena Mira Mateus et al. 1989:314-323.

(5) Para uma visão histórica da categoria "grau" em português cfr. Francisco Torrinha 1935: 107, José Joaquim Nunes 1960: 235, Ismael de Lima Coutinho 1967: 243 e J. Mattoso Câmara Jr. 1985: 240-242.

(6) Estes factos são mais ou menos referenciados pelas gramáticas tradicionais portuguesas, como, por exemplo, as mencionadas em (4) e (5).

(7) Cfr., por exemplo, Maria Helena Mira Mateus 1989: 314.

(8) Cfr. as gramáticas referidas em (4) e (5).

(8a) Colhi muitas sugestões, utilizando inclusivamente exemplos, em Susan Price 1990.

(9) J. Mattoso Câmara Jr. (1985: 241-2) explica esta generalização de "do que" do seguinte modo: "É de notar,..., que a construção com **de...** persistiu num contexto particular comparativo em que o segundo membro era expresso por um pronome **o** (lat. **illo hoc**) seguido de uma oração relativa: Nem foi pior do que era antes (lat. **peor hoc quod erat**). ... Assim se estabeleceu uma equivalência entre **que** partícula comparativa, e **do que**, qua alternam no português moderno: **Públio é mais forte do que Tércio** (pois **pior do que antes era foi visto** como estruturalmente equivalente a **pior que antes era**, com a extensão de **do que** a qualquer contexto". Também Adriano da Gama Kury (1985: 110-111) fala de haplogogia sintáctica na redução de **do que** o que para **do que**.

(10) Estamos perante realizações nitidamente enfáticas: as únicas em que é possível a realização com a negação.

(10) Cfr. Susan Price 1990: p. 22.

(11) Sabemos que noutros contextos é possível a alternância **que/do que**. Veja-se como explica Susan Price (1990: 195):

"As the pronoun **o** is invariable, never displaying either gender or number marking, it seems likely that the sequence **do que** has become opaque: that is, it is no longer consciously analysed as introducing a relative construction, but is reanalysed as a complex 'comparative particle', parallel to **que**".

(12) (Cfr. Evanildo Bechara 1988: 129 e ss.). Deve observar-se que **melhor** e **pior** tanto se aplicam para adjetivos como para advérbios:

(52) Ninguém conhece melhor (=mais bem) os seus interesses do que o homem de bem.

(13) Coloco fora de parêntesis as formas preferidas. Quando não indico uma das alternativas é porque — na minha opinião — são pouco aceitáveis.